

# O USO DA LEITURA DE IMAGEM NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Grazielle Silva Santos<sup>1</sup>  
Lucimara Neves Airoso<sup>2</sup>  
Marlene Dias Coutinho da Silva<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo compreender, com base na bibliografia, a maneira como o uso de imagens pode auxiliar o processo de alfabetização de jovens e adultos. Para tanto, empreendeu-se um estudo do tipo exploratório com abordagem qualitativa e com enfoque bibliográfico. Utilizou-se para compor o estudo artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos de conclusão de curso. Foi possível identificar nesta pesquisa que o uso de imagens é fundamental para o trabalho com a educação de jovens e adultos de maneira a possibilitar um processo de ensino-aprendizagem que faça real sentido na vida dos estudantes. Também foi possível perceber com base na literatura que a utilização desse tipo de método, por parte dos professores é capaz de fomentar nos estudantes um processo de reflexão sob o qual o educador irá trabalhar não só a decodificação, mas os aspectos sociais a qual a imagem está relacionada.

**Palavras-chave:** EJA. Metodologias. Estratégia. Imagem.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação da professora Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa.  
E-mail: graziellessantos2@outlook.com

<sup>2</sup> Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação da professora Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa.  
E-mail: nuna2085@gmail.com

<sup>3</sup> Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação da professora Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa.  
E-mail: macs.dias@hotmail.com  
Data de entrega: 15 nov. 2023.

## 1. INTRODUÇÃO

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é comum que os docentes utilizem diversos métodos para executarem o processo de alfabetização. Santana (2016) salienta que mesmo utilizando diversas técnicas esse processo tende a não funcionar, pois por algumas razões os estudantes tendem a não apreender todo o conhecimento, ou seja, é necessário que o professor repita diversas vezes o conteúdo trabalhado, de forma que ele fixe na memória de longo prazo.

Diante de tal situação a leitura de imagens apresenta-se como um processo capaz de enriquecer o ensino e a aprendizagem, uma vez que possibilita a apreensão de aspectos de forma facilitadora. Lima (2008) argumenta que a todo tempo somos bombardeados de imagens que auxiliam no processo de compreensão dos significados das coisas. A autora ainda destaca que existe uma regra na qual é preciso que os docentes venham a seguir que é a de entender que este processo de leitura de imagens depende de alguns fatores que envolvem o processo de educação integral (cognitivo, social, psicológico, cultural, emocional e físico) que devem ser levados em consideração para uma aprendizagem que faça sentido (LIMA, 2008).

O visual é destacado por Freedman (2002) como um aspecto que deve ser cada vez mais utilizado, já que isso implica em uma necessidade de promoção da escola e a alfabetização visual que proporciona um ensino mais crítico. Sendo assim, foi proposto como pergunta norteadora desta investigação: de que forma o processo de alfabetização por meio de imagens pode auxiliar no ensino de jovens e adultos? Como a literatura percebe essa questão? Foi estabelecido como objetivo compreender, com base na bibliografia, a maneira como o uso de imagens pode auxiliar no processo de alfabetização de jovens e adultos.

A proposta é empreender uma pesquisa do tipo exploratória, cuja função é preencher as lacunas sobre determinado tema (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995). A pesquisa conta com enfoque qualitativo e de caráter bibliográfico. Segundo Zanetti (2017) a pesquisa qualitativa, em educação, proporciona um olhar mais aprofundado sobre determinado fenômeno. Ao mesmo tempo a autora destaca que no caso da pesquisa bibliográfica acaba sendo o primeiro passo para que o pesquisador venha a entender determinado fenômeno.

Com isso, foi buscado por meio dos descritores dessa pesquisa artigos no site do Google acadêmico e no site da Scielo. Foi dada prioridade aos estudos publicados em periódicos científicos avaliados pela Capes e em revistas indexadas. Foi encontrado nessas bases de dados informadas, um total de cinco artigos que foram utilizados para compor este estudo. Também se estendeu a literatura para trabalhos de conclusão de curso, livros e capítulos de livros que auxiliaram na análise dos dados. Para fazer a análise bibliográfica foi empreendida a análise interpretativa que visa compreender os dados de uma pesquisa qualitativa, pois compreende que ela é um processo inacabado.

Destaca-se que a relevância social e acadêmica desta investida é proporcionar aos professores a visão de que a leitura de imagens poderá beneficiar de forma expressiva os docentes que se desfrutarem de seu uso, de maneira que segundo Lima (2008) a imagem é um recurso que auxilia a humanidade desde os primórdios de maneira que a significação dada ao objeto é passada de geração em geração por meio da linguagem e da imagem. De forma didática, este trabalho de conclusão de curso está dividido em cinco partes, sendo a primeira delas a introdução, seguida de um breve estudo sobre

a educação de jovens e adultos no Brasil, o segundo capítulo que trata do uso de imagens no processo de alfabetização de jovens e adultos, os resultados e discussões e por fim, as considerações finais.

## **2. UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A educação de jovens e adultos, da forma como está disposta hoje, tem início por volta dos anos de 1980 quando houve a queda da ditadura militar iniciada em 1964 por meio da retirada das eleições diretas. Destaca-se que o país começou a experimentar a democracia de forma direta e para isso necessitava-se da formação de um povo que fosse capaz de refletir criticamente. Como efeito imediato do novo regime político, emergiram e ampliaram-se os direitos sociais dos cidadãos, ocasionando assim que a população brasileira passasse a exigir mais políticas públicas voltadas à educação dos adultos que ainda não eram alfabetizados. Haddad (2000) afirma que este foi um movimento crescente do qual proporcionou a organização e caráter institucional, renovando assim as estruturas sindicais preexistentes, corroborando para a criação de novas formas de organização, modalidades de ações e os meios de expressão.

Um marco importante de ser mencionado nessa nova fase, foi a implementação da Constituição Federal de 88 que garante a todos os brasileiros o acesso à educação. Tal registro legal aponta para um novo momento histórico, já que antes desse processo (período ditatorial) existia apenas para o público adulto o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado por meio da Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e demais iniciativas de alfabetização, das quais receberam poucos investimentos financeiros para sua manutenção. Este movimento educacional, MOBRAL, teve cunho pedagógico, no entanto tornou-se um importante instrumento de valorização, reforço e manutenção do poder da ditadura militar, de acordo com Paiva:

[...] buscava-se ampliar junto às camadas populares as bases sociais de legitimidade do regime, no momento em que este se estreitava junto às classes médias em face do AI-5, não devendo ser descartada a hipótese de que tal movimento tenha sido pensado também como instrumento de obtenção de informações sobre o que se passava nos municípios do interior do país e na periferia das cidades e de controle sobre a população. Ou seja, como instrumento de segurança interna (PAIVA, 1982, p. 99).

Desta forma, os educadores passaram a ter maior preocupação com o ensino, vez que, as cartilhas que vinham para o MOBRAL não possuíam caráter de reflexão, mas sim, a intenção de fantasiar a realidade vivenciada, de maneira que estes aprendessem a ler e a escrever sem ter a capacidade de fazer reflexões sobre o que estava sendo aprendido.

No ano de 1971, foi elaborado o ensino supletivo com o objetivo de suprir a necessidade de escolarização da população que não havia terminado os estudos, tendo em vista que a mão de obra formada estava sendo requisitada (formação técnica) mas que, em contrapartida, esse tipo de formação carecia da criticidade. Haddad (2000) ressalta que o ensino supletivo teve a intencionalidade de construir uma nova concepção de escola, bem como uma linha de escolarização não formal de forma sistematizada, presente em uma lei de diretrizes nacionais, ocasionando assim, na utilização deste modelo como uma possibilidade de modernização do ensino regular.

Diante disso, destaca-se que a modalidade de ensino tinha por objetivo repor o período de escolarização daqueles que não puderam ter acesso à educação na idade “certa”. Nesse mesmo sentido, Haddad e Di Piero (2000, p. 117) inferem que: “o Ensino Supletivo se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando uma mão de obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola”.

Em 20 de dezembro de 1996 com a promulgação da Lei 9.394, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) reforça-se o direito à educação já garantido em 1988 pela Constituição Federal, em seu artigo 208, parágrafo primeiro— e que foi encorpado e fortalecido com a implementação da educação de jovens e adultos como uma modalidade de ensino reconhecida por lei citada acima, em seus seguintes artigos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. § 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. § 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996, p. 19).

Conforme aponta a LDBN, a EJA deve ter a intenção de proporcionar uma educação profissional (1996, Art. 37): “A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento”. Desde a sua implementação, diversas modalidades da EJA foram criadas nas instituições públicas e privadas, pois, há grande demanda para essa modalidade de ensino, tendo em vista que, a realidade econômica de nosso país ocasiona para muitos brasileiros a realização da escolha entre trabalhar para sobrevivência ou permanecer estudando. Sendo assim, por ser quase impossível a conciliação de ambos é importante que o poder público vise a criação de melhores condições sociais e econômicas a fim de evitar o que Oliveira (2001) destaca ser “uma escolha natural”, neste caso, o abandono escolar.

Entretanto, a cada dia aumenta a demanda social por políticas públicas perenes nessa esfera. Tais políticas devem pautar o desenvolvimento de ações baseadas em princípios epistemológicos que resultem em um corpo teórico bem estabelecido e que respeite as dimensões sociais, econômicas, culturais, cognitivas e afetivas do jovem e do adulto em situação de aprendizagem escolar (BRASIL, 2007, p. 07).

Com base no documento oficial do Proeja (2007) os alunos dessa modalidade são jovens ou adultos que abandonaram seus estudos por falta de tempo e estendendo-se a falta de interesse pela educação na idade certa. Estes, mais tarde, reingressam buscando melhores condições de vida ou por pressão do mercado de trabalho. Assim, o documento do Proeja (BRASIL, 2007, p. 11) aponta a existência de número exorbitante de jovens que poderiam continuar seus estudos na educação básica, de forma regular, mas acabam recorrendo a EJA:

Um agravante na situação brasileira diz respeito à presença forte de jovens na EJA, em grande parte devido a problemas de não- permanência e insucesso no ensino fundamental “regular”. Embora se tenha equacionado praticamente o acesso para todas as crianças, não se conseguiu conferir qualidade às redes para garantir que essas crianças permaneçam e aprendam. Além disso, a sociedade brasileira não conseguiu reduzir as desigualdades socioeconômicas e as famílias são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição de renda mínima, roubando o tempo da infância e o tempo da escola. Assim, mais tarde esses jovens retornam, via EJA, convictos da falta que faz a escolaridade em suas vidas, acreditando que a negativa em postos de trabalho e lugares de emprego se associa exclusivamente à baixa escolaridade, desobrigando o sistema capitalista da responsabilidade que lhe cabe pelo desemprego estrutural. (BRASIL, 2007, P.07)

Desse modo, a educação deve sempre buscar fazer com que o estudante tenha uma formação de caráter crítico e que a sua vivência seja levada em conta, mas, para isso, os educadores necessitam fazer da EJA uma modalidade que se valha de métodos e técnicas capazes de suprir as necessidades dos estudantes de maneira que o processo de ensino e aprendizagem possa fazer acontecer a libertação que foi ensejada por Paulo Freire em sua proposta de educação emancipadora.

### **3. O PROCESSO DE LEITURA DE IMAGENS NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

É importante que ao destacar a educação de jovens e adultos se mencione o seu principal incentivador, Paulo Freire, filósofo, educador, sociólogo e pesquisador. Teve diversos artigos publicados e uma experiência vasta por meio de alfabetização de diversos produtores rurais no Rio Grande do Norte (SANTANA, 2016). Ainda segundo Santana (2016), Paulo Freire entendia o processo de alfabetização como um processo que vai além de um depósito de conhecimento. Para ele a educação e em especial, a alfabetização, deveria acontecer um meio de uma educação dialógica entre professor e aluno que trocam experiências e em um ambiente que o saber prévio é valorizado.

Di Pierro (2017) aponta que a EJA é formada por um público diverso e rico em experiências, pois nele há idosos, jovens e adultos que pertencem a diversas classes sociais, cuja educação foi recusada no período adequado. Esse processo pelo qual esses sujeitos são submetidos no agora, depois da idade adequada, devem ser feitos levando em consideração à vivência do estudante. Conforme ensina Paulo Freire, ao incentivar o aluno a ler o mundo a partir de seu cotidiano e a percebê-lo de forma crítica, o docente fará com que haja uma transformação de ideias, bem como proporá a uma prática revolucionária na qual o aluno, por meio desse processo é capaz de construir o conhecimento e atuar ativamente do processo de ensino/aprendizagem.

Para que o estudante da EJA aprenda, Paulo Freire propõe um ensino baseado na criticidade que é capaz de denunciar a opressão vivenciada pelo estudante ou que é percebida por ele em seu entorno. Para o referido autor é nisso que consiste a ideia de práxis revolucionária (FREIRE, 1983). Para ele: “Não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer suas palavras, de pensar certo” (FREIRE, 1983, p. 170). Isso posto vemos que a educação deve estar à disposição do propósito de tornar o sujeito autônomo, crítico e ativo de maneira que sua ação gere transformação social. Sendo assim, Santana (2016) aponta que a utilização de imagens no processo de alfabetização, refere-se a um processo de representação visual sob a qual os professores se apoiam para auxiliar no processo de apropriação da leitura e da escrita.

Santarella (2012) aponta que a presença de imagens é comum ao público da EJA, o que pode ser um recurso facilitador e que gera uma aprendizagem que faça sentido para a vida dos estudantes. Tais aspectos nos leva a refletir a utilização deste recurso como possibilidade no processo de alfabetização de jovens e adultos, tendo em vista que o uso pedagógico é capaz de gerar no sujeito a ideia de organização prévia que para Santana (2016) é o princípio de um processo de educação que faça sentido. “Para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação e, dentre eles, só o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática” (DONDIS, 2007, p.184- 185).

O senso de percepção e compreensão é aguçado com a utilização das imagens no processo de alfabetização, o que permite segundo Carlos (2008) uma quebra de paradigmas com relação ao ensino rígido e bancário presente na educação. A visão crítica da imagem que o professor irá estimular, permitirá que os estudantes tenham um processo educativo libertador, pelo qual a educação é capaz de propiciar as classes populares uma visão nova do mundo, pela qual, a ideia de explorar o sentido e o significado da imagem estará atrelada a fatores sociais a qual ela está inserida.

Um exemplo que pode ser utilizado para ser mais didático é quando é utilizada a imagem de uma enxada (Figura 1). Em geral os adultos vão assimilar como um instrumento de trabalho, mas se o professor utilizar a mediação como forma de fazer com que ele pense criticamente, o estudante poderá perceber que a enxada está atrelada ao cansaço do trabalhador, que vive e trabalha para o sustento da casa, bem como, um processo de luta por melhores condições salariais.

**Figura 1-** Enxada



Fonte: Alves (2019).

Desta maneira, o professor não só possibilitará a apreensão do conceito básico do instrumento de trabalho, como também, poderá fazer com que os estudantes passem a pensar criticamente sobre as relações de trabalho, uma vez que o trabalho com a EJA deve proporcionar uma visão crítica da realidade social.

Para isso faz-se necessária uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos

e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem (BRASIL, 1997, p. 27).

Sendo assim, depois de muito tempo sem frequentar em uma sala de aula, fica difícil executar alguns comandos e funções solicitadas pelo educador. Conforme proposto no documento oficial (Proeja), é necessário um trabalho de qualidade que proponha uma prática educativa capaz de gerar motivações e que sejam valorizados aspectos que façam parte da vida social do estudante. Scarfó (2009, p. 130) propõe que um dos desafios da EJA é:

[...] alcançar uma educação de qualidade, concebida como um direito humano indispensável, que obrigue o Estado a oferecer padrões de qualidade iguais à educação [...]. É indispensável fortalecer a educação formal, já que cabe a ela outorgar certificação e, portanto, melhorar as possibilidades e oportunidades presentes e futuras das pessoas presas, fazendo da igualdade declarativa ou formal uma igualdade substantiva. (SCARFÓ, 2009, p. 130)

Para tanto, é imprescindível que o professor saiba identificar e conhecer a realidade do estudante, de maneira que se parta da ideia daquilo que o sujeito já conhece para um conhecimento ainda mais elaborado, isto é, parte-se do uso da imagem de uma enxada que faz parte do contexto de muitos do público alvo da EJA, e a partir disso, discute-se política, relações de trabalhos, decodificação, significados e entre outras temáticas que irão auxiliar esse adulto no desenvolvimento de sua visão crítica sobre o objeto trabalhado.

[...] os jovens e adultos, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para sua vida e inserção no mercado de trabalho. [...] Este novo panorama, pouco a pouco, foi modificando o ambiente escolar, exigindo dos professores uma nova postura e um jeito novo de conviver com estes alunos, cada dia mais jovens (BRUNEL, 2004, p. 9-10).

Sendo assim, é preciso que o educador seja o primeiro motivador dos estudantes de forma que haja maior diálogo e interação. As salas da EJA são conforme Di Pierro (2017) diversificadas e contam com particularidades que requer do professor uma forma de trabalhar diferenciada a qual o educador deverá valorizar o aluno como um ser integral (CARRANO, 2008)

O foco da pedagogia na visão de Freire é fazer com que as relações entre o corpo docente e discente possam ser discutidas, de modo a, por meio da discussão, levantar questões para dar respostas aos problemas que atingem os valores, aspectos da práxis pedagógica na educação básica (BERKENBROCK-ROSITO, 2017, p. 17).

Para tanto, é importante que o educador reveja suas práticas educativas, de maneira que a abordagem utilizada por ele, em sala, possa ser baseada em uma concepção educacional que vise a libertação do sujeito e um diálogo mais intenso com as metodologias ativas que permita ao estudante não ser mais um sujeito passivo, mas permita ser ativo e participativo nas temáticas trabalhadas em sala de aula.

Isso estabelece uma preocupação com a relação entre educador e educando de maneira que o professor ao ensinar o aluno possa aprender em um ambiente que o

respeito e o diálogo existam como um processo emancipatório a qual o estudante aprende por meio de elementos concretos que fazem parte de seu contexto diário.

Portanto, um processo de alfabetização feito de forma concreta é aquele que permite aos educadores não ensinarem somente a ler e a escrever o seu nome, mas ensinar a ser reflexivo e crítico. Nisso a utilização de imagens se faz necessária para a busca de um processo de redução dos índices de analfabetismo de maneira que se proponha um modelo educativo que vise erradicar esse aspecto, mas que também tenha por objetivo a formação de sujeitos críticos, ativos e autônomos.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Conforme vimos nos debates anteriores, a educação de jovens e adultos vem se moldando no decorrer dos anos. Haddad e Di Pierro (2000) argumentam que a proposta da EJA consiste em justamente propor um modelo educativo, não somente que vise alfabetizar sem letrar, mas que vise um processo pelo qual o sujeito saia de lá com autonomia, reflexão e conhecimento.

Podemos ver com base na bibliografia de Santarella (2012) que a leitura de imagens acontece como um processo mais rápido pelo qual os estudantes apreendem melhor os conceitos visualizados.

As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro. Somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras (SANTARELLA, 2012, p. 109).

Com base nesse aspecto, vimos que na abordagem de Paulo Freire é importante para que o educador tenha uma postura diferenciada com relação ao processo de alfabetização, pois é preciso incentivar a reflexão no estudante de forma que a imagem e a decodificação das letras levem o sujeito a refletir sobre diversos outros aspectos sociais que estão envoltos na imagem.

Com base em Oliveira (2001, p. 238-239) observa-se que os sujeitos são sociais e que o processo de constituição do saber perpassa por essa relação à qual o professor deve dar sentido próprio e fazer com que o ensino não seja uma transmissão do conhecimento:

[...] As informações às quais são submetidos os sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento para eles quando podem se enredar a outros fios já presentes nas redes de saberes de cada um ganhando, nesse processo, um sentido próprio, não necessariamente aquele que o transmissor da informação pressupõe. Isso significa que dizer algo a alguém não provoca aprendizagem nem conhecimento, a menos que aquilo que foi dito possa entrar em conexão com os interesses, crenças, valores ou saberes daquele que escuta. (Oliveira, 2001, p. 238-239)

Vemos nos artigos e em especial no estudo de Santana (2016) que atualmente os professores têm buscado utilizar muito o diálogo com seus alunos, bem como, a utilização de recursos visuais como forma de incentivá-los e fazer com que o processo de ensino e aprendizagem se torne algo prazeroso. Para o autor, muitos educadores fazem de tudo para que os estudantes não abandonem a escola.

Posto isso, destaca-se com base no pensamento freiriano que é necessário que haja uma ação de libertação nos educandos, fundamentalizando uma educação que tem

como propósito a libertação do indivíduo, em oposição ao modelo de educação bancária presente até os dias atuais. “Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2002, p. 27).

Sendo assim, na perspectiva desse teórico, a educação se pauta na concepção de libertação pela qual o processo de alfabetização na EJA deve vislumbrar e utilizar como forma de fazer com que esses educandos saiam de lá plenos de um conhecimento que os possibilita ir além e refletir sobre os aspectos que estão a sua volta.

Para tanto é preciso superar o modelo de educação vigente sob a qual muitos professores, segundo Santarella (2012) pautam suas práticas, de maneira a possibilitar um processo de aprendizagem que valorize a prática e as vivências do estudante, bem como, faça com que ele expanda seu universo do conhecimento indo além e superando as expectativas do professor.

O processo de ensino que se pauta no uso de imagens é aquele que valoriza um processo de alfabetização letrada, e não basta que o estudante saiba decodificar, mas que ele também compreenda a leitura por meio da interpretação crítica.

Começamos por estudar, que envolvendo o ensinar do ensinante, envolve também de um lado, a aprendizagem anterior e concomitante de quem ensina e a aprendizagem do aprendiz que se prepara para ensinar amanhã ou refaz seu saber para melhor ensinar hoje ou, de outro lado, aprendizagem de quem, criança ainda, se acha nos começos de sua escolarização (FREIRE, 2001, p. 260).

Sabendo deste processo, analisamos a utilização desse recurso como fundamental para o estabelecimento de uma educação emancipatória. Tanto o aluno, como o professor, aprende em um processo dialogal que expande os horizontes do saber e permite que o sujeito se liberte e reflita sobre a realidade que está em seu entorno.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta deste trabalho de conclusão de curso foi compreender, com base na bibliografia, a maneira como o uso de imagens pode auxiliar o processo de alfabetização de jovens e adultos. Para tanto, foi utilizada uma pesquisa do tipo exploratória com abordagem qualitativa e com enfoque bibliográfico.

Ressaltamos que foi possível apreender dos dados obtidos que o uso de imagens é um recurso pela qual os professores têm utilizado como forma de possibilitar a libertação, bem como relacionar a imagem com outros aspectos sociais que fazem parte da vida do sujeito.

Também foi possível observar, na literatura, que a EJA se constitui em um processo de relações complexas, sob as quais, inicialmente, seu processo visava uma educação mais tradicional, com a intenção de proporcionar somente um processo de alfabetização sem reflexão. Conforme foi passando o tempo, observou-se um processo de educação bancária, sob a qual, esse processo não fazia real sentido na vida do estudante.

A proposta de Paulo Freire foi de inovar o processo educacional, possibilitando aos estudantes da EJA um regime educativo que se pautava na libertação e na interação com os demais de maneira a possibilitar um processo de ensino e aprendizagem que faça sentido.

Logo, a utilização de imagens é vista pela literatura como algo positivo e que deve ser utilizado pelos educadores de maneira que as imagens auxiliem os professores nos momentos de reflexão, fazendo com que o aluno possa perceber aspectos sociais que antes eles não tinham sem o uso da imagem.

Portanto, este texto não teve a intenção de esgotar a temática, mas de entender o processo pelo qual a utilização de imagens é importante no processo de educação da EJA. Verificou-se questões importantes que podem ser empregadas em outras investidas mais aprofundadas, de maneira que se busque entender, por meio de entrevistas, como a utilização do uso de imagens impacta na vida de estudantes e professores da EJA?

Esse questionamento é importante para a compreensão de como a temática é relevante e carece de estudos que busquem entender a razão pela qual a imagem é importante no processo de ensino e aprendizagem de jovens e adultos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Mayk. **Enxada é encontrada em vários modelos e indispensável na agricultura**. Ago 20, 2019. Disponível em: <https://www.agro20.com.br/enxada/>. Acesso em: 02 de set. 2023.

BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. **A estética da pedagogia da esperança: contribuições à formação de professores**. Reflexão e Ação, v. 25, n. 2, p. 9-26, 23 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Base – PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. Formação Inicial e continuada/ Ensino Fundamental. Brasília, DF: SETEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 07 set. 2023.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARRANO, Paulo José Rodrigues. **Identidades juvenis e escola**. In: **UNESCO. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.

DI PIERRO, Maria Clara. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil: questões face às políticas públicas recentes**. Em Aberto, Brasília, ano 11, nº 56, out./dez. 2017.

DONDIS, Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo; Martins Fontes, 1991.

FREEDMAN, Kerry. **Cultura Visual e Identidade. Cadernos de Pedagogia, Barcelona**, n.312, p. 59-61, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: 2002, Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, Aug. 2000.

LIMA, Cristiane. **O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual**. Dia a dia Educação, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2483-8.pdf>. Acesso em: 16 set. de 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Tendências recentes dos estudos e das práticas curriculares**. Revista de Educação de Jovens e Adultos, n.11, São Paulo, RAAAB, 2001.

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Rev. Saúde Pública, [S.l.], v.29, n.4, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTANA, Marcelo da Fonseca. **O uso pedagógico da imagem como organizador prévio no processo de alfabetização de adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso. – João Pessoa: UFPB, 2016.

SCARFÓ, Francisco. **A educação pública em prisões na América Latina: garantia de uma igualdade substantiva**. In: UNESCO. **Educação em prisões na América Latina: direito, liberdade e cidadania**. Brasília, DF: UNESCO, OEI, AECID, 2009.

SOARES, Leôncio Soares. **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as**

**pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ZANETTE, Marcos Suel. **Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil**. Educ. Rev, [S.l.], n. 65, Jul-Set, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9GBmR7D7z6DDv7zKkrndSDs#>. Acesso em: 13 de out. 2023